

## CURTA - METRAGEM “NA PALMA DA MÃO”: UM DIÁLOGO ENTRE TECNOLOGIAS

Douglas Lemos de Quadros (Graduando em Licenciatura em Letras/Unipampa Bagé)

**Resumo:** O presente artigo pretende fazer uma reflexão da utilização das mídias digitais para formação do leitor de literatura. Para o referente pretendo dialogar entre as teorias e práticas das “outras” formas de trabalhar literatura no ensino médio. Desta forma o projeto curta-metragem “Na palma da mão” surgiu a partir de tais reflexões com o objetivo de utilizar as novas tecnologias como ferramentas facilitadoras para a formação do leitor de literatura. As atividades foram aplicadas nas disciplinas de Língua Portuguesa/Literatura em estudantes de turmas de 1ª e 2ª anos do ensino médio da Escola Estadual Frei Plácido, de Bagé-RS, durante o segundo semestre de 2010 e primeiro semestre de 2011. As atividades foram aplicadas através do PIBID/CAPES (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que tiveram como base a utilização de mídias digitais como ferramentas facilitadoras no processo de formação de leitores literários.

**Palavras – chave:** Curta - metragem; Letramento literário; Formação de leitor.

### Outro sujeito, outro século

Parte-se da ideia de que os conflitos e angústias são os mesmos, independente da época. Poderíamos chamar de sujeito translúcido o estudante da nova geração? Perpassado pela cultura dos meios de comunicação, um eterno re-significador, inquieto, efêmero? Do rito ao mito faz-se o mito (hábito). “Viver é o eterno devir” já dizia Nietzsche. O indivíduo é interpelado pela historicidade formando o sujeito histórico, ou seja, de acordo com a época criam-se determinados hábitos. O sujeito é perpassado pela ideologia dominante da época em que vive (ORLANDI, 2010), e da mesma forma a literatura passou por mudanças das suas funções sociais.

(...) durante a segunda metade do século XX e o da redução de seu espaço escolar em função da leitura “funcional”, do ensino de língua e das demais matérias do currículo (...) graças à extensão da escolaridade, lê-se mais do que nunca, mas o que se lê e para quê se lê está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios (COLOMER, 2007, p. 104).

A confiança cega nas novas tecnologias da comunicação e informação como chave na resolução dos problemas na educação é vista com olhar cético, pois não se pode tratar as tecnologias como uma divindade para resolução dos problemas. Segundo PRATS (2008) ”(...) en el mundo académico , este fetichismo se traduce en la

convicción , más o menos explícita, de que basta que um mensaje pase a ser vehiculado por una tecnologia pra que se convierta em eficaz (p.29)”.

A sociedade translúcida constrói sua subjetividade não a partir da opacidade, mas sim da transparência de tubos e cristais. O sujeito é constituído pelo reflexo do outro pontilhado, bitzado. Fundem-se o sujeito matéria com o sujeito dos pixels do outro lado da tela. Cria-se então o mito translúcido, fruto da liquidez hiper/transmoderna, da fantasmagoria onipresente, onipotente do brilhar de quadros, do brilhar de caixas, presentes em todos os cantos. O sujeito este é perpassado pela ideologia da imagem, tendo como base os discursos audiovisuais. O professor deve ter noção da presença dos meios audiovisuais como fator preponderante da formação ideológica do sujeito, fazendo parte da bagagem cultural que o aluno já traz de casa. Para Monovich apud. SANTAELLA (2004), as novas mídias estão desencadeando uma profunda revolução cultural. Segundo ele, da mesma forma que a prensa manual no século XIV e a fotografia no século XIX tiveram grande impacto para o desenvolvimento das sociedades e culturas modernas, as novas mídias estão causando uma virada nas formas de produção, distribuição e comunicação.

Ainda para Morin (2002) os meios de comunicação de massa (mass media), podem ser considerados como a Terceira Cultura, que é oriunda da imprensa, do cinema, rádio, televisão e da internet que surge, projeta e desenvolve-se ao lado das culturas clássicas – religiosas ou humanistas – e nacionais. A cultura, segundo o mesmo, é constituída por um complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram no indivíduo, na sua intimidade estruturando os seus instintos e orientando as emoções. Essas penetrações são efetuadas segundo trocas mentais de projeção e identificação polarizadas nos símbolos e imagens da cultura, remetendo às personalidades míticas que encarnam valores (os ancestrais, heróis e deuses), ou seja, a “cultura clássica” e a terceira cultura constituem o sujeito.

(...) a cultura de massa é uma cultura: ela constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas. Ela se acrescenta à cultura nacional, à cultura humanística, à cultura religiosa e entra em concorrência com estas culturas. (MORIN, 2002, p. 15,16)

Essas “trocas” ou “intercâmbios” de fluxos culturais se re-significam constantemente, porque toda a cultura se constrói tendo como base numa série símbolos

que no decorrer do tempo vão sendo re-significados, hibridizados. A pós-modernidade ou modernidade líquida BAUMAN (2008) não é diferente, porque tem como característica o hibridismo identitário/simbólico. Tal característica é recorrente nos tempos atuais pela atenuante transformação, metamorfização de símbolos, ritos e costumes em um curto espaço de tempo. Marca essa dos tempos pós-modernos ou líquidos e pela hiper-velocidade decorrente dos meios de comunicação.

A percepção de tempo e espaço sofre mudanças não apenas materiais, como a conversão de átomos (conteúdo bruto, impresso) em bits (conteúdo digital), segundo Negroponte (1995), mas da forma como se recebe e dialoga com o meio. Ao tratar da obra literária, Hauser (2010) atenta para a questão do enredo e do tempo cronológico, afirmando que

O tempo em literatura – sobretudo no teatro - por outro lado, tem uma direção definida, uma tendência de desenvolvimento, uma meta objetiva independente da experiência de tempo do espectador. Ora, essas categorias dramáticas de espaço e tempo têm caráter e funções completamente alterados no cinema. O espaço perde a qualidade estática, a passividade serena, e torna-se agora dinâmico; adquire existência diante de nossos olhos. É fluido, ilimitado, inacabado (...) (HAUSER, 2010, p.971).

O cinema e por conseguinte, os demais meios de comunicação criaram novas formas de se perceber e pensar uma narrativa.

O homem moderno pode revisitar a sua história coletiva, e mesmo individual, tomando por referência o seu contato individual, tomado por referência o seu contato com o cinema de maneira tal que, sob muitos aspectos, poderá chegar a conclusões que dirão respeito ao que ele aprendeu vendo filmes (SOUSA, 2005, p.20).

Hoje as transformações parecem muito mais gritantes, pois os sujeitos as observam como espectadores no conforto dos seus lares. O tempo é outro e o sujeito também. Os alunos desta época não se sentem mais atraídos por um quadro negro repleto de frases e datas estagnadas, imóveis que se prolongam por horas e horas acompanhado de uma retórica enfadonha de longos e longos monólogos que muitas vezes carregam grande carga reflexiva, mas que pelo formato em que ele é passado transforma uma aula de literatura em uma tortura psicológica. Do lado de lá dos muros da escola, ou ainda, nem tão longe assim, do bolso do aluno os aparelhos móveis,

internet, vídeo games e programas televisivos oferecem uma interatividade muitas vezes muito mais atraente que de uma aula estagnada, parada no seu tempo.

(...) a sociedade não vê de maneira tão clara que seja necessário certo tipo de alfabetização; não há consenso por exemplo, sobre para que é útil, já que agora existem outros meios, como os audiovisuais, que cumprem funções que antes pertenciam à literatura, como consumo de ficção ou posse de referências compartilhadas (COLOMER, 2007, p.102)

Os meios de comunicação afetam de forma significativa tanto nossas relações quanto os processos de aprendizagem. As tão temidas tecnologias (em especial os aparelhos de celular) são um dos grandes problemas enfrentados pelos professores em sala de aula. O escritor Isaac Asimov nomeia por Complexo de Frankenstein a fobia aos autômatos descrevendo de que forma as novas tecnologias *a priori* geram estranhamento e medo.

Quando os algarismos arábicos começaram a ser usados na Europa em 1202, por iniciativa de Leonardo Fibonacci, eram manifestamente mais práticos, em todos os sentidos, que os romanos. No entanto, os eruditos e os comerciantes opuseram resistência tão grande à inovação, que levou séculos para que fosse aceita sem reservas. (ASIMOV, 2007, p.7)

Tendo a fobia como ponto inicial tento descrever de que forma podem-se converter em aliadas as tão temidas novas tecnologias da informação em especial os celulares ou smartphones, câmeras digitais, mp4 e qualquer outro aparelho que é mal visto por grande parte dos professores. Para desenvolver o projeto das oficinas denominado curta-metragem “Na palma da mão” parti da seguinte metáfora do filósofo Pierre Lévy:

(...) cada novo sistema de comunicação e de transporte modifica o sistema das proximidades práticas, isto é o espaço pertinente para as comunidades humanas. Quando se constrói uma ferrovia, é como se aproximássemos fisicamente as cidades ou regiões conectadas pelos trilhos e afastássemos desse grupo as cidades não conectadas (LÉVY, 2007, p.22).

O projeto foi então fomentado a partir da seguinte questão: como utilizar os meios de comunicação, em especial os aparelhos móveis como smartfone, câmera digital, mp4 entre outros, como interface na formação de leitores de literatura?

## **Metodologia**

Os meios de produção cultural acabaram transformando de forma significativa a maneira como entendemos e nos relacionamos com o meio. Novas linguagens são incorporadas na nossa carga cultural e com isso formas distintas de expressão. A internet veio para revolucionar ainda mais as formas do sujeito se comunicar e socializar. Diacronicamente a sociedade foi se apropriando das linguagens audiovisuais.

O indivíduo-massa, a personalidade construída a partir da generalização da mercadoria, quando entre no universo da escrita (o que é um fenômeno deste século), o faz com vistas ao seu destinatário, que é o leitor-massa, faminto de uma literatura que seja espetacular e espetacular. Autor e leitor perseguem a representação do show da vida, incrementado e amplificado. Autor-massa e leitor-massa buscam a projeção direta do prazer ou do terror, do paraíso do consumo ou do inferno do crime \_ uma literatura transparente, no limite sem mediações, uma literatura de efeitos imediatos e especiais, que se equipare ao cinema documentário, ao jornal televisivo, à reportagem ao vivo (...) o filme, imagem em movimento, teria tornado supérflua, para não dizer indigesta, a descrição miúda (...) Uma cena de um minuto supriria, no cinema, o que o romancista levou mais de uma dezena de páginas para compor e comunicar ao seu leitor (BOSI, 1994, p.109,110).

Poderíamos chamar então de sujeito translúcido, o estudante da nova geração? Perpassado pela cultura dos meios de comunicação, um eterno re-significador, inquieto, efêmero?

O projeto curta-metragem “Na palma da mão” foi pensado com a proposta de servir de mediador unindo as velhas tecnologias (livros impressos) e as novas (meios audiovisuais). O mediador seria segundo PRATS (2008) o “(...) facilitador de encuentros, superador de distancias e impulsor de encuentros; en definitiva, conciliador em los conflictos, pero com unos matices diferenciales muy significativos según los casos (p.28)”. O mesmo autor dá como exemplo o fenômeno do zapping<sup>1</sup> como ineficácia dos meios de comunicação em prender a atenção do telespectador. O autor continua salientando que a eficácia das tecnologias de ensino-aprendizagem está muito mais relacionada ao estilo comunicativo de que elas utilizam, do que o meio em que são veiculadas. “Hoy más que nunca es imprescindible adoptar un estilo comunicativo que

---

<sup>1</sup> Expressão inglesa que consiste no ato de mudar de canal constantemente o que demonstra a baixa permanência do telespectador em um mesmo programa.

saque el máximo provecho de la especificidad expresiva de cada medio (p.33)”. Educar nestes tempos é seduzir o aluno. O educador deve além de ser um professor, também ser um bom sedutor ou ainda segundo PRATS (2008) “(...) si ser un buen comunicador implica capacidad de sintonia, el buen educador deberá tener capacidad de seducción, em sentido de tener empatia com los deseos del interlocutor (p.48)”.

Ler é vivenciar, sentir “Pode-se afirmar, cada vez com maior segurança e de maneira cada vez mais pormenorizada, que a leitura compartilhada é a base da formação de leitores (COLOMER, 2007, p.106)” os alunos, frutos da geração das experiências sensoriais, muitas vezes acabam por ter uma visão da literatura como algo monótono, estagnado.

A idéia de ter os meios audiovisuais como ponte vem justamente com o objetivo de trazer a mobilidade para os ansiosos interlocutores e partindo daí para as múltiplas sensações. Ler e escrever muitas vezes para o aluno é sair do seu local de conforto, sentindo-se vulnerável por se comunicar através de uma linguagem que o mesmo pode não estar tão familiarizado. A ideia de ter um meio audiovisual para trabalhar com a literatura tem por objetivo fazê-lo através de uma linguagem que é comum a todos pelo simples fato da geração pós 90 ter contato desde pequeno com os veículos de comunicação.

(...) o filme ensina, pois conduz o seu espectador a se relacionar com saberes (...) parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de uma grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica. (DUARTE apud SOUZA, 2005, p.20).

Utilizando tal abordagem foi possível chegar a determinados alunos que tinham já um pré-conceito referente a textos literários utilizando os meios audiovisuais.

O trabalho de adaptação ocorreu de forma diferente em ambas as turmas. Nas turmas dos primeiros anos as crônicas foram adaptadas para o gênero roteiro e após a adaptação foram transformadas em vídeos. Já para as turmas de segundos anos as crônicas utilizadas foram as que abordavam temas cotidianos como educação, cidadania com cenas que se ambientavam em uma sala de aula, fila de supermercado, entre outras.

E a adaptação não foi para o gênero roteiro e sim para o gênero storyboard. O seguinte formato foi escolhido para tentar perceber de que forma os alunos transitarão em um estilo que tinha já a imagem ligada ao texto. Se pode notar que as turmas que adaptaram as crônicas para roteiro apresentaram maior dificuldade do que as turmas que transformaram as crônicas em storyboard.

### **Passo a passo**

No primeiro encontro de três horas aula, foram apresentadas noções básicas sobre técnicas cinematográficas como enquadramentos, movimentos de câmera e iluminação, além de alguns exemplos de curtas-metragens gravados com celular que foram retirados do site [www.youtube.com](http://www.youtube.com). A ideia inicial foi de apresentar para os alunos como funcionava a linguagem cinematográfica e com isso fornecer alguns exemplos e suporte técnico para que os mesmos pudessem gravar os vídeos. Nos últimos 20 minutos de aula os alunos formaram grupos de até 5 integrantes e tiveram o primeiro contato com as crônicas para escolherem e na próxima aula já tendo familiaridade com o texto, começassem a adaptar os texto para um roteiro (nos 1<sup>as</sup> anos) e storyboard (nos 2<sup>as</sup> anos).

Os alunos desenvolveram tais habilidades. Nos últimos vinte minutos de aula os alunos formaram grupos de no máximo cinco integrantes e tiveram o primeiro contato com as crônicas fazendo uma primeira leitura em sala de aula e escolhendo a crônica que eles tiveram maior intimidade, para na próxima aula começarem a desenvolver os roteiros.

No segundo encontro o projeto foi dividido em duas partes: nas turmas de primeiros anos nas primeiras duas horas, foram apresentadas regras básicas para a produção de roteiro como cabeçalho, diálogos bem como suas características servindo de aporte teórico para a confecção dos roteiros. No segundo momento os grupos começaram a escrever os roteiros em aula para que os mesmos fossem orientados sobre qualquer dúvida. Os estudantes também puderam tirar quaisquer dúvidas marcando um encontro no intervalo em qualquer dia da semana no período da manhã.

Nas turmas dos segundos anos optou-se a utilização do gênero quadrinho (storyboards) ao gênero roteiro, por se tratar de oficinas aplicadas no mesmo semestre e

por uma variação da mesma para poder proporcionar uma atividade diferenciada para os alunos, bem como observar o desempenho das duas turmas utilizando dois gêneros distintos de adaptação. Ao contrário da explanação sobre o gênero roteiro foram apresentadas as funções do storyboard nos filmes fazendo uma adaptação para o gênero quadrinhos, dos quais seriam utilizados no lugar dos roteiros. Com a adaptação servindo de base para as gravações dos curtas-metragens. Para a criação dos quadrinhos (storyboards) foi utilizado o programa gratuito de criação de quadrinhos disponível no site: [www.toondoo.com](http://www.toondoo.com). No encontro de três horas aula o primeiro período foi utilizado para a explanação do gênero storyboard e os outros dois períodos foram utilizados para a criação dos storyboards no laboratório de informática.

No terceiro encontro as turmas apresentaram os curtas-metragens e entregaram os roteiros ou storyboards de acordo com o ano. E ainda relataram sobre a experiência de adaptar uma crônica para a linguagem cinematográfica.

A escolha das crônicas do autor Luis Fernando Veríssimo se deu em razão de se tratar de um estilo de texto que retrata o cotidiano e no caso específico, com tons de humor e em especial das crônicas em grande maioria do Analista de Bagé. E contemplando um pouco da realidade vivida pelos alunos, pois o mesmo ambienta a história na cidade em que o projeto foi aplicado, mostrando um analista diferente que atende no seu consultório trajando roupas tradicionalistas e utilizando técnicas mais “alternativas” ou “arcaicas”, sempre claras em tom jocoso. Durante o processo de produção os alunos ainda puderam analisar os estereótipos apresentados nos textos pelo cronista.

É importante ressaltar que apesar de se repetir alguns textos a cada nova oficina, os alunos externalizavam suas subjetividades mostrando novos olhares sobre um mesmo tema. Como por exemplo, na turma 104 do primeiro ano de ensino médio a crônica Entrevista com o Analista de Bagé foi composta por um grupo apenas de meninas, logo as mesmas abordaram questões mais relativas ao cotidiano da personagem. O Analista de Bagé foi interpretado por uma das meninas que se vestiu a rigor, com bigode e roupas masculinas tradicionalistas. Foi ambientado em uma praça, na forma de uma conversa informal tomando chimarrão.

Já na turma 103 o grupo foi composto só por meninos e os mesmos deram um formato de telejornal fazendo uma chamada ao vivo com o repórter que entrevistava o



Analista de Bagé que agora representado por um menino estava trajando roupas tradicionalistas e tomando chimarrão. As questões que foram salientadas condiziam mais com o universo masculino relativos à sexualidade. As demais turmas que reproduziram, por exemplo, as mesmas características do ambiente que em especial era o consultório do Analista de Bagé. Dentre as características está sempre presente um pelego sobre o Divã e a personagem sempre está tomando chimarrão.

### **Conclusões parciais**

A utilização dos meios de comunicação pode servir sim de ponte para a aproximação e formação do leitor de literatura. Tais fenômenos apresentados podem ocorrer de forma mais ou menos acentuada de acordo com os grupos de sujeitos (classe social, faixa etária, nível de escolaridade) (POSSENTI, 2009).

A cada turma os alunos vão externalizar suas subjetividades de maneiras diferentes, fazendo com que as dificuldades e facilidades sejam outras e com quem podem resignificar os textos e apresentar a cada turma um novo olhar desse universo polissêmico que é a literatura. Vale ainda ressaltar que questões muito mais abrangentes transbordaram as fronteiras da proposta como o relato de estudantes via avaliação pós-oficina sobre a percepção do outro na sala de aula nunca antes reparado, ou ainda, a satisfação dos alunos ao mostrarem o resultado. Acredito que o projeto alcançou seus objetivos apresentando os textos literários por outro viés, mostrando que é possível trabalhar literatura de uma forma menos densa e até porque não dizer, divertida. E utilizar parte do problema como solução.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASIMOV, Isaac. *Histórias de robôs*. Volume 1. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

BOSI, Alfredo. *Os Estudos literários na era dos extremos*. Rio de Janeiro: São Paulo, 1994.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*. São Paulo: Global Editora. 2007.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2010

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1997.

NEGROPONTE, Nicholas. *Vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PRATS, Joan. *La educación como industria del deseo*. Barcelona, 2008.

SOUSA, Bruno Jorge. *O cinema na escola: aspectos pedagógicos do texto cinematográfico*. Goiânia, 2005